



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES - IISCA
CURSO DE JORNALISMO

PABLO BRITO SILVINO

LEMBRANÇAS DE UM FESTIVAL: O 4º CHAMA

JUAZEIRO DO NORTE

2026

PABLO BRITO SILVINO

LEMBRANÇAS DE UM FESTIVAL: O 4º CHAMA

Relatório Técnico de Documentário
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Cariri como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Capistrano
Camurça

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S587l Silvino, Pablo Brito.

Lembranças de um festival: o 4º chama / Pablo Brito Silvino. - 2026.

35 f. il.: color. 30 cm.

(Inclui bibliografia, p.27).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Cariri.
Universidade Federal do Cariri, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e
Artes, Curso de Jornalismo, Juazeiro do Norte, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Capistrano Camurça.

1. Memória 2. Festival CHAMA. 3. Crato- CE. 4. Festival de música. I. Camurça,
Pablo Brito- orientador. II. Título.

CDD 070

Bibliotecária: Maria Eliziana Pereira de Sousa – CRB 15/564

PABLO BRITO SILVINO

LEMBRANÇAS DE UM FESTIVAL: O 4º CHAMA

Relatório Técnico de Documentário
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Cariri como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Capistrano Camurça (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Isadora Meneses Rodrigues
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Me. Joedson Kelvin Felix de Oliveira
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

JUAZEIRO DO NORTE, ____ DE ____ DE 2026

AGRADECIMENTOS

A meus pais, avós, e tias, pela vida e apoio. A meu pai e minha tia Aparecida, pela colaboração no filme.

À minha irmã, Bárbara, por ter me “emprestado” o tema do filme, e à minha irmã Luiza pela ajuda durante a produção.

Ao meu orientador Rodrigo Capistrano, por ter topado me orientar e auxiliar nesse processo.

À Abiana Campos, por todas as caronas e conversas indo e voltando para a UFCA – uma delas acabou estando no filme.

A Adeildo de Souza, cuja entrevista deu corpo ao filme.

Ao corpo docente e técnico do curso de Jornalismo, em especial aos professores Tiago, Isadora, Juliana, Lígia, Liliane, Ivan, Salmito e Alexandre; e aos técnicos Paulo Victor, Jéssica e Allison, por todos os ensinamentos, auxílios, conversas e inspirações, tanto dentro como fora de sala.

Aos colegas e amigos que fiz durante essa trajetória, em especial a Cibele, Yan, Emerson e Letícia. Vocês foram parte da melhor experiência que tive nessa graduação, com o Na Mídia e o Beijos para Johnathann.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por ter tido fôlego de cursar uma segunda graduação, superando as ansiedades, inseguranças e incertezas, abrindo um novo caminho de possibilidades na minha vida profissional e pessoal.

RESUMO

O presente relatório trata da produção do documentário sobre a 4ª edição do Festival CHAMA – Chapada Musical do Araripe, ocorrido em outubro de 1995 na cidade de Crato-CE. Esse evento tornou-se histórico por ter acontecido dentro da Floresta Nacional do Araripe, trazendo artistas reconhecidos nacionalmente e apresentando talentos locais na mostra competitiva. O 4º CHAMA também tem importância por ter sido o último grande festival de música desse formato ocorrido na região. O documentário busca reconstruir o evento a partir do olhar e relatos de pessoas que vivenciaram o festival como público e competidores, tendo como foco as memórias dessas pessoas e fazendo uso de imagens de arquivo para ilustrar as lembranças desse evento, que permanece presente na memória coletiva da população cratense.

Palavras-chave: documentário; memória; CHAMA; Crato.

ABSTRACT

This document discusses the production of a documentary film about the 4th edition of the Festival CHAMA – Chapada Musical do Araripe, which took place in October 1995 in the city of Crato, Ceará. This event became historic because it took place inside the Floresta Nacional do Araripe, bringing together nationally renowned artists and showcasing local talent in the competitive section. The CHAMA festival is also important because it was the last major music festival of this format to have taken place in the region. The documentary seeks to reconstruct the event from the perspective and reports of people who experienced the festival as both audience members and competitors, focusing on their memories and using archival footage to illustrate the recollections of this event, that remains present in the collective memory of the people of Crato.

Keywords: documentary; memory; CHAMA; Crato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	grupo O Cacto recebe prêmio no Festival Regional da Canção em 1971.....	12
Figura 2 –	Irmãos Aniceto tocam no I CHAMA	13
Figura 3 –	cartaz de divulgação do 3º CHAMA.....	14
Figura 4 –	pista do antigo aeroporto de Crato, onde foi montada estrutura para o 4º CHAMA	14
Figura 5 –	cartaz de divulgação do 4º CHAMA.....	15
Figura 6 –	panfleto de divulgação do 4º CHAMA.....	16
Figura 7 –	Cássia Eller se apresenta no palco do 4º CHAMA.....	16
Figura 8 –	print do canal de Youtube Museu de Arte Kariri.....	20
Figura 9 –	print de postagem sobre o 4º CHAMA na página de Facebook Crato de Ontem	21
Figura 10 –	entrevista com Adeildo de Souza	22
Figura 11 –	entrevista com Abiana Campos	23
Figura 12 –	entrevista com Francisco Silvino	24
Figura 13 –	entrevista com Aparecida Silvino.....	24
Figura 14 –	decupagem de entrevista realizada manualmente	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O CHAMA	12
3 DOCUMENTÁRIO	18
4 DIÁRIO DE CAMPO.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A – PROPOSTA	28
APÊNDICE B – ESCOLHA DO TÍTULO.....	29
APÊNDICE C - SINOPSE	30
APÊNDICE D – FICHA TÉCNICA	31
APÊNDICE E – EQUIPAMENTOS E SOFTWARES UTILIZADOS.....	32
APÊNDICE F – ROTEIRO DE PERGUNTAS	33
APÊNDICE G – ROTEIRO DE EDIÇÃO.....	34

1 INTRODUÇÃO

A intenção deste documentário é resgatar um pouco da história da quarta edição do Festival Chapada Musical do Araripe – CHAMA, que ocorreu em outubro de 1995 na cidade de Crato-CE. Esse evento ficou marcado na memória da população cratense por ter ocorrido no “coração” da Floresta Nacional do Araripe, no local onde existiu anteriormente o aeroporto do Crato, e que contou com atrações de nível nacional, como Cássia Eller, Chico Science e Nação Zumbi, Boca Livre, Fagner, além da seleção competitiva com artistas locais e de outras localidades. O 4º CHAMA foi praticamente o último grande festival de música nesses moldes a acontecer na região, se tornando um evento histórico para a cidade e que é sempre lembrado quando se toca no assunto.

No ano de 2024, minha irmã Bárbara Silvino produziu, através da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº195/2022), o documentário “A Era dos Festivais no Cariri”, que fala sobre os primeiros festivais de música ocorridos no Crato, na década 1970. Participei da equipe na função de roteirista, decupando as entrevistas realizadas, selecionando os trechos a serem utilizados e definindo a ordem em que apareceriam no filme.

A ideia inicial desse documentário era de cobrir todos os festivais mais importantes ocorridos na região, desde os anos 1970 até os anos 1990, quando ocorreram as edições do CHAMA. No entanto, por limitações de duração do filme impostos pelo edital da Lei Paulo Gustavo, que exigia que o filme tivesse no máximo 15 minutos, tornou-se impraticável cobrir tal período de tempo e eventos. Então tomamos a opção de delimitar o tema do filme somente aos primeiros festivais, deixando o CHAMA para uma futura oportunidade.

Quando se aproximou o período em que eu precisaria produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso, decidi aproveitar essa oportunidade para retomar essa temática, então decidi produzir um documentário sobre a última edição do CHAMA.

Jornalismo nunca foi um curso que eu pensei em fazer. Sempre gostei de ler, de escrever, mas sempre me vi no mundo da ficção. Gostava de criar enredos para as brincadeiras de infância, personagens, histórias; junto a isso, a paixão pelo universo do cinema, que surgiu desde muito novo. Esse percurso me levou a cursar Cinema e Audiovisual, na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde me formei e durante o curso foquei nas disciplinas de roteiro e dramaturgia. O Jornalismo surge num momento em que precisei voltar de Fortaleza para o Crato, formado, sem emprego e sem muitas perspectivas, então decidi continuar estudando, e dentre as opções de curso nas universidades daqui, optei pelo Jornalismo por ser uma área a fim com o Cinema, onde poderia aproveitar parte do que já

havia estudado.

Após entrar no curso, percebi que eu não precisava ficar restrito à ficção, a criar histórias, personagens: eu poderia contar histórias reais, de personagens e acontecimentos da realidade. Alguns trabalhos e projetos que participei durante a graduação acabaram, tematicamente, me direcionando à escolha do tema do TCC. Em 2023 participei do projeto “Beijos para Johnathann”, um podcast que conta a história de Johnathann Kiss, uma importante personalidade LGBTQIA+ de Juazeiro do Norte dos anos 80 e 90 (época em que aconteceram os festivais CHAMA).

Em 2024, na disciplina de Jornalismo Cultural, produzi junto aos colegas Cibele Moraes e Emerson Ramon o podcast “Geraldo Urano, o Planeta Poeta”, que fala um pouco da história de Geraldo Urano e sua importância e influência para a música e poesia do Crato. Geraldo Urano foi um dos idealizadores do primeiro festival de música do Crato. Em 2025 ajudei no TCC de Cibele, “Os Extras”, que conta a história da banda de mesmo nome, que existiu nas décadas de 1960 e 1970 e que participou de um festival que foi o embrião para o I Festival Regional da Canção, citado no documentário “A Era dos Festivais no Cariri”.

Todos esses trabalhos acabam abordando um mesmo período da história do Cariri (das décadas de 1960 até a década de 1990), tratando de pessoas e eventos que foram importantes para a região, ligados à cultura e à música, e que, no geral, são pouco documentados. A realização dessas obras, assim como esse documentário do qual esse relatório trata, é importante para que essas histórias sejam registradas, recontadas e repassadas para as futuras gerações.

Portanto, por todas essas razões, escolhi tratar deste tema no meu TCC, além de, com isso, me reaproximar da área do audiovisual, da qual tinha me afastado desde que concluí a graduação em Cinema.

2 O CHAMA

O Crato é reconhecido como a “cidade da cultura” (Marques, 2005, p. 18), sendo um dos municípios pioneiros na região do Cariri cearense a aglomerar diversas manifestações da cultura popular. No início dos anos 1970, um grupo de jovens cratenses influenciados pelos festivais de música dos anos 1960, como Festival Nacional da Música Popular Brasileira e o Festival Internacional da Canção, pelos movimentos da contracultura que já começavam a dominar o universo musical, como também pela realização de eventos internacionais como Woodstock, decidem criar um festival na cidade.

Surge assim o Festival Regional da Canção, realizado na quadra Bicentenário, no antigo parque municipal do Crato (hoje praça Alexandre Arraes). Idealizado por Geraldo Urano e Luis Carlos Salatiel, esse festival ocorreu de 1971 a 1978, sendo “um marco transformador para a cultura da cidade, os artistas locais passaram a concentrar sua arte em prol do evento anual, realizavam reuniões, encontros, peças teatrais, exposições, shows, tudo se concentrando para a data do festival” (Silvino, 2017, p. 27). O Festival Cariri da Canção revelou grandes nomes da música caririense como Abidoral Jamararu, Cleivan Paiva, Luís Fidelis, além dos já citados Geraldo Urano e Salatiel.

Figura 1 - grupo O Cacto recebe prêmio no Festival Regional da Canção em 1971



O Cacto recebe o prêmio maior do Festival Regional da Canção do Cariri (1971) pela música “GRITO DE UMA GERAÇÃO”. A foto registra a primeira formação do Cacto: Geraldo Urano, Louro (Fco. Alberto Jamararu), Luiz Carlos Salatiel, Abidoral Jamararu e Hildeberto Jamararu.

(arquivo pessoal: Mons. Bosco Cartaxo)

Fonte: arquivo Mons. Bosco Cartaxo

Na esteira e influência desse festival, em 1990 é criado o Festival Chapada Musical do Araripe, o CHAMA. Com a ideia de ser um grande festival de música que unisse artistas

nacionais, músicos locais e manifestações culturais do Cariri, com a proposta de valorizar a Chapada do Araripe como espaço cultural e ambiental, o CHAMA teve suas três primeiras edições sediadas na mesma Quadra Bicentenário que abrigou os Festivais Regionais da Canção. O evento contava com mostra competitiva, das quais participaram artistas locais como João do Crato e Francisco Silvino, e de outros estados do Nordeste, como a paraibana Cátia de França.

Durante as pesquisas, não foram encontradas muitas referências sobre a primeira e segunda edições do CHAMA (ocorridas em 1990 e 1991), com exceção de algumas fotografias. Porém, percebe-se que foram eventos de menor porte, voltados mais para a cultura e artistas locais, já dando forma à identidade do festival, que era misturar música, arte e território.

Figura 2 - Irmãos Aniceto tocam no I CHAMA



Fonte: imagem da internet (Facebook Memória Histórica do Crato)

Após uma pausa de dois anos sem ser realizado, a terceira edição acontece em setembro de 1994, novamente na Quadra Bicentenário. Já com maior escopo do que as edições anteriores, contou com mais de 100 músicas inscritas de diversas cidades do Ceará e de outros estados do Nordeste, das quais 20 foram selecionadas e 10 foram finalistas. A comissão julgadora foi composta por nomes importantes ligados à música do Cariri, como o músico Abidoral Jamaru e a regente Divane Cabral. A canção vencedora foi “Demais”, de autoria de Francisco Silvino, interpretada por Aparecida Silvino, que também ganhou o prêmio de melhor intérprete. Esta terceira edição do CHAMA contou também com a 1ª Mostra de Música Instrumental do Cariri, na qual se apresentaram artistas locais como a

Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto e a Orquestra Padre Davi Moreira (A Província, 1994).

Figura 3 - cartaz de divulgação do 3º CHAMA



Fonte: página Crato de Ontem

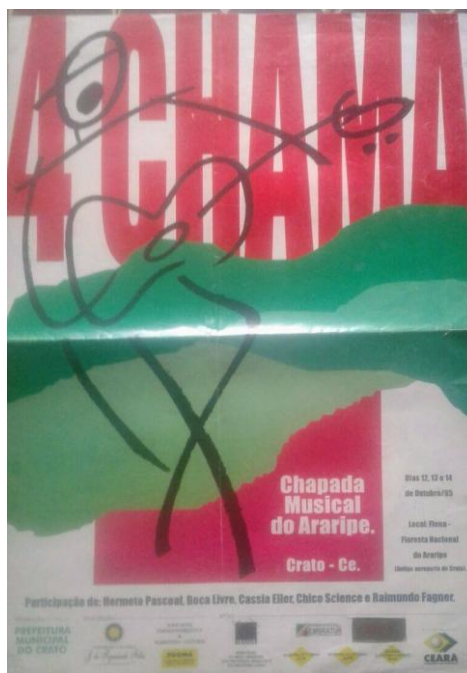
Para a 4ª edição do CHAMA, foi pensado algo mais ambicioso. Tendo em vista o início das comemorações de 50 anos da criação da FLONA – Floresta Nacional do Araripe, que aconteceria em 1996, a localização do evento muda da Quadra Bicentenário para o antigo aeroporto do Crato (desativado desde 1974), localizado dentro da floresta, e “[...] passaria a integrar a história dos festivais musicais do Crato como uma espécie de ‘Woodstock do Cariri’. É considerado por muitos até os dias de hoje, o maior festival de música que a nossa cidade já tivera.” (Crato de Ontem, 2018).

Figura 4 - pista do antigo aeroporto de Crato, onde foi montada estrutura para o 4º CHAMA



Fonte: Adeildo de Souza

Figura 5 - cartaz de divulgação do 4º CHAMA



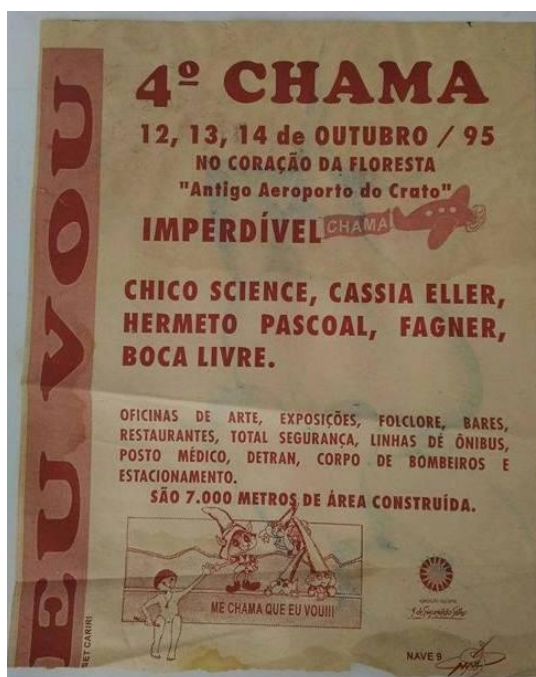
Fonte: internet

O evento foi uma produção oriunda da parceria entre a Fundação J. de Figueiredo Filho, Secretaria Municipal do Crato, IBAMA e URCA (Universidade Regional do Cariri). Durante três dias, 12, 13 e 14 de outubro de 1995, a Chapada do Araripe foi palco de apresentações musicais, oficinas de artes plásticas, dança, teatro, recreação infantil, exposições, apresentações de grupos folclóricos como reisados e o principal, que eram as atrações musicais.

Novamente, houve a mostra competitiva, com 20 canções concorrentes de 117 inscritas (Crato de Ontem, 2018). O júri qualificado foi composto por nomes como o compositor cearense radicado no Rio de Janeiro Liduino Pitombeira e a pianista fortalezense Duda de Cavalcante. O vencedor da edição anterior, Francisco Silvino, dessa vez conquistou o terceiro lugar e melhor arranjo, com a música “Volta” (novamente interpretada por Aparecida Silvino). O primeiro lugar ficou com Ângela Linhares e Gigi Castro, de Fortaleza, e o segundo lugar foi de Serrão e Rogério Franco, também de Fortaleza.

Outro grande destaque dessa edição do CHAMA foram as atrações de nível nacional, com nomes que estavam em alta na ocasião. Estiveram presentes Chico Science e Nação Zumbi, Cássia Eller, Hermeto Pascoal, Boca Livre e Fagner, que se apresentaram durante as três noites do festival. A estrutura utilizada para o evento, contando com palco, som, iluminação e telões, foi montada pelo Grupo Magazine, de Juazeiro do Norte (Crato de Ontem, 2018).

Figura 6 - panfleto de divulgação do 4º CHAMA



Fonte: Adeildo de Souza

Figura 7 - Cássia Eller se apresenta no palco do 4º CHAMA



Fonte: Adeildo de Souza

O público, estimado em mais de 100 mil pessoas, tinha a opção de acampar no local do festival, e muitos, incluindo famílias com crianças, passaram os três dias inteiros lá, usufruindo do clima ameno da chapada, do contato com a natureza, interagindo entre si e vivenciando as diversas atividades que ocorriam durante as manhãs e tardes, e os shows à noite, o que levou o historiador Adeildo de Souza a considerar o evento como um

“Woodstock do Cariri” (Crato de Ontem, 2018). Apesar do imenso volume de pessoas, os relatos dão conta de que não ocorreu nenhum incidente como acidentes, brigas, ou ações policiais, atestando o caráter pacífico e tranquilo do evento. (Alves, 1995).

O 4º CHAMA é considerado o maior e o último grande festival de música da região do Cariri. Não houve outras edições após essa de 1995, e diversos são os motivos para que ele tenha sido descontinuado. O porte do evento, desde a infraestrutura física ao nível dos artistas nacionais convidados exigiram grande investimento financeiro e há relatos de que verbas destinadas ao festival não vieram. Também existem as questões ambientais, pois o festival foi realizado dentro de uma área de floresta; a locomoção até o local, somente possível via automóveis, o som alto gerado pelos shows, e a movimentação de pessoas podem causar danos à fauna e flora do local, o que ironicamente vai de encontro um dos pilares do festival, que era a conscientização ambiental. Todos esses fatores levaram ao fim do evento.

Nos anos seguintes, existiram tentativas de retomada do CHAMA, em projetos reformulados como o Festival Cariri da Canção, ocorrido nas décadas de 2000 e 2010, que nunca obtiveram o mesmo alcance e sucesso do original. Existe, inclusive, um projeto de lei na Câmara Municipal do Crato para que o evento retorne ao calendário anual de eventos culturais do município (Oliveira, 2024). No entanto, nada de concreto foi feito até então, e o CHAMA sobrevive apenas na memória da população.

3 DOCUMENTÁRIO

A escolha pelo formato documentário foi de certa forma inevitável, já que esse projeto deriva diretamente de outra produção, o já citado curta-metragem “A Era dos Festivais no Cariri”, que é um documentário. Minha intenção era seguir o mesmo formato utilizado por Bárbara em seu filme, que utiliza os tropos do documentário dito clássico: o entrevistado num enquadramento padrão, falando para o entrevistador, e fazendo uso de imagens de arquivo para ilustrar as falas. Bill Nichols chama esse estilo de expositivo, que “dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (2012, p. 142).

Nesse tipo de documentário, as imagens desempenham um papel secundário, ilustrando, evocando ou contrapondo o que foi dito, representando o argumento ou a perspectiva do filme (Nichols, p. 143-144). No caso, a voz dos entrevistados serve como narradoras do filme, enquanto as imagens exemplificam e corroboram o que é falado.

Mais do que um caráter histórico, busquei me valer das memórias dos entrevistados, mesmo que essa não fosse especialmente acurada. Como diz Xavier, Filho e Vasconcelos (2018, p.59)

A História oral é concebida por meio de narrativas de sujeitos sociais sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que, de uma forma ou de outra, deles tomaram conhecimento. Trata-se de testemunhos de seres vivos que, ao serem interpelados, discorrem narrativamente a respeito do que sabem sobre certos acontecimentos, pessoas, locais, instituições, governanças e sobre tantos outros assuntos.

Há uma passagem do documentário na qual Adeildo fala sobre o show de Chico Science, e no seu relato ele diz que Chico, ao entrar no palco, já amanhecendo, fala “bom dia, Cariri”. No entanto, no registro em vídeo do show, encontrado no Youtube, a fala de Chico é “boa noite, Crato”. Isso não necessariamente invalida a memória de Adeildo, mas sim, a meu ver, dá um caráter pessoal à lembrança; um pequeno lapso que se torna um traço afetivo de sua relação com o evento.

No que tange à escolha e a forma de aproximação com os entrevistados, busquei uma maneira de abordar as pessoas de forma que as deixassem à vontade e livres para que suas memórias fluíssem. Muito como Caputo (2006, p. 21) reflete

(...) penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. Então aqui, outra vez,

a palavra escapa, não consigo aprisioná-la em um conceito. Fico feliz por isso. Palavras fogem porque se dão à liberdade. O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro.

Com alguns dos entrevistados eu já tinha algum grau de intimidade, então o fluxo foi mais tranquilo, afinal

A boa entrevista acontece a três. Ela acontece quando entrevistador e entrevistado sentam-se frente a frente, se olham nos olhos e abrem juntos um espaço de confiança num mundo de tantas desconfianças. Abrem juntos um espaço de diálogo num mundo em que ouvir de verdade virou raridade. Só quando esse espaço é aberto, a experiência de entrevista acontece. O resultado disso é a construção de um texto que não é feito só pelo jornalista, é feito de perguntas e respostas, é feito também pelo entrevistado e é feito também pelo leitor. (Caputo, 2006, p.51)

Em relação ao uso de imagens de arquivo, além de ilustrar as falas dos personagens, elas também servem para registrar o período histórico o qual o filme resgata, num movimento que “aproximam [...] o ofício do cineasta ao do historiador, na medida em que ambos se dedicam a uma interpretação das sociedades em determinados períodos” (Aguiar, 2011, p. 47)

Através dessas imagens podemos ter um registro visual de como era o ambiente em que ocorreu o CHAMA, como eram as pessoas que frequentaram o evento, como era a estrutura do palco, as atividades que ocorreram durante o festival. A existência dessas imagens e elas estarem disponíveis em plataformas como o YouTube facilitaram o processo de pesquisa, visto que o evento aconteceu em uma época na qual o acesso a equipamentos de captação de imagens (principalmente câmeras de vídeo) ainda não eram de fácil acesso para a maioria da população. Como Abiana relata em seu depoimento no documentário, ela quase não possui fotografias do evento, pois não possuía câmera; felizmente, em um dos vídeos do material de arquivo há uma pequena passagem em que ela aparece, então temos uma imagem para ilustrar seu relato.

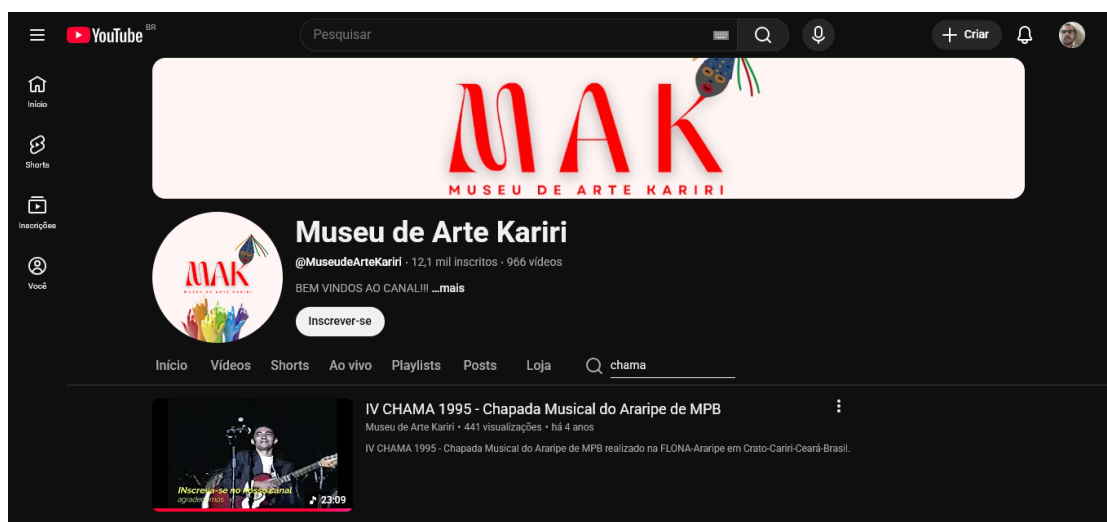
No entanto, não foi possível encontrar registros de tudo o que aconteceu no evento. Não encontrei, por exemplo, vídeos ou fotos das apresentações de Hermeto Pascoal e Fagner, nem de todas as canções da mostra competitiva. Algumas lembranças ficam registradas apenas na voz dos entrevistados, cabendo ao espectador utilizar sua imaginação para completar as lacunas.

4 DIÁRIO DE CAMPO

Definido o tema e o formato, comecei a pensar na realização do projeto. De início pensei em abordar as quatro edições do CHAMA, mas logo percebi que seria muito difícil, pois seria muito material para cobrir sem possuir recursos financeiros. Lembrei de algo que percebi quando apresentávamos o “A Era dos Festivais no Cariri”: todas as vezes alguém comentava do “CHAMA da chapada”; perguntavam por que ele ficou de fora do documentário; “vocês deviam fazer a continuação falando dele”. Decidi então focar na quarta edição, a edição da Chapada.

Eu já sabia que havia vídeos desse festival disponíveis na internet, então fui buscá-los para utilizar como material de arquivo no documentário. O canal “Museu de Arte Kariri”, mantido por Laerto Xenofonte, possui um vasto acervo audiovisual de festivais, shows, curta metragens, entrevistas, dentre outros, da região do Cariri. Lá, encontrei registros de alguns dias do festival, como o show de Cássia Eller, Boca Livre, artistas locais e apresentações da seleção competitiva, dentre elas a música “Volta”, de autoria de Francisco Silvino (meu pai) e interpretada por Aparecida Silvino (minha tia). Com autorização de Laerto, salvei os vídeos para utilizá-los no documentário.

Figura 8 - print do canal de Youtube Museu de Arte Kariri



Fonte: tirado pelo autor

Eu também já havia visto no Facebook e Instagram a página Crato de Ontem, que assim como o canal Museu de Arte Kariri, se dedica a postar registros históricos da cidade do Crato. Na página existem diversas postagens sobre o CHAMA, principalmente sobre a quarta

edição. A página é mantida pelo historiador Adeildo de Souza. Entrei em contato com ele, expliquei o meu projeto e perguntei se ele tinha interesse em participar e ele prontamente aceitou.

Figura 9 - print de postagem sobre o 4º CHAMA na página de Facebook Crato de Ontem



Fonte: tirado pelo autor

Definido o primeiro entrevistado, marquei com ele para gravarmos. Adeildo sugeriu que gravássemos na Praça Alexandre Arraes, onde se encontra a quadra Bicentenário, que foi palco dos festivais de música dos anos 1970 e de três edições do CHAMA.

No dia 9 de julho de 2025, utilizando o equipamento da universidade (câmera, tripé e microfone), fui até o local combinado acompanhado de minha irmã Luiza Silvino e de minha colega Cibele Moraes, sendo esse o único dia que tive uma “equipe”. Adeildo se mostrou bastante prestativo. Como o foco do documentário era apenas a última edição do festival, pedi para ele fazer uma contextualização do que foi o CHAMA, desde a criação até a edição em que focamos. Ele traçou um histórico, falando desde os festivais dos anos 1970 até chegar aos anos 1990, com o CHAMA. Foi uma entrevista relativamente rápida, cerca de 30 minutos, mas muito densa de informações. Enquanto Adeildo falava, percebi que aquela entrevista seria a “espinha dorsal” do documentário; a partir dela o filme se desdobraria, com as imagens de arquivo para ilustrar e os outros depoimentos se encaixando de acordo com as falas dele; Basicamente, Adeildo se tornou o narrador do filme.

Figura 10 - entrevista com Adeildo de Souza



Fonte: acervo do autor

Feita essa entrevista, comecei a pensar nos próximos entrevistados. Inicialmente, queria seguir a mesma linha do que Bárbara pensou em “A Era dos Festivais do Cariri”: buscar uma grande variedade de pessoas que participaram do festival, trazendo um contexto mais histórico e informativo sobre o tema. No entanto, tive muita dificuldade em conseguir chegar a essas pessoas, principalmente por minha dificuldade de interagir com pessoas desconhecidas, por timidez e ansiedade; também a dificuldade de pedir ajuda, mesmo com colegas, família e o próprio orientador estando à disposição. Coloquei como desafio pessoal tentar realizar esse trabalho sozinho e isso, aliado a outras cargas acadêmicas como estágio, disciplinas, e questões de ordem pessoal, acabou resultando em uma pausa nos trabalhos durante alguns meses, nos quais eu não consegui avançar quase nada no projeto.

Com o prazo ficando cada vez mais apertado, decidi diminuir o escopo do projeto para algo que eu conseguisse realizar. Em vez de fazer um grande projeto, com muitas entrevistas e informações, tentei uma abordagem mais minimalista. Já tinha a entrevista com Adeildo, uma voz “teórica” trazendo o caráter histórico, mas também de alguém que vivenciou o festival (ele era adolescente, mas esteve presente no show de Nação Zumbi). Com isso em mente decidi mudar o foco do documentário para algo que fosse mais pessoal. Trazer os personagens falando de sua experiência em ter vivenciado esse evento. A partir disso, busquei pessoas que participaram como público e como competidores.

Nessa última categoria eu tinha meu pai, Francisco Silvino, e minha tia Aparecida.

Silvino, como é conhecido, participou de duas edições do CHAMA, a terceira e a quarta, tendo sido premiado em ambas. Na 3ª edição, ganhou primeiro lugar em Melhor Música e Aparecida ganhou Melhor Intérprete. Na 4ª edição, ganharam terceiro lugar e “melhor arranjo”.

Na categoria do público, chamei minha colega de curso Abiana Campos. Ela me dava carona todos os dias para a universidade, e em uma dessas viagens, quando comentei do tema do meu TCC, ela discorreu sobre como tinha acampado durante os dias do festival e de como tinha sido a experiência. Guardei essa informação, e quando chegou o momento de decidir os entrevistados, fiz o convite e ela aceitou.

No dia 13 de fevereiro de 2026, Abiana veio até minha casa para gravarmos seu depoimento. Nesse dia eu estava sozinho operando a câmera e fazendo a entrevista. A conversa transcorreu tranquilamente.

Figura 11 - entrevista com Abiana Campos



Fonte: acervo do autor

No dia 22 de fevereiro, gravei com meu pai. Também estava sozinho operando a câmera e fazendo a entrevista. Por um lapso, fiquei atrás da câmera e por consequência a direção do olhar do meu pai ficou em direção a ela, quebrando o enquadramento das entrevistas anteriores, onde os entrevistados falam olhando para o interlocutor, sem encarar a câmera. Decidi assumir esse “erro” e não regravar a entrevista, devido ao curto prazo para edição e finalização do projeto.

As entrevistas de Abiana e Silvino foram gravadas com uma câmera que consegui emprestada com amigos.

Figura 12 - entrevista com Francisco Silvino



Fonte: acervo do autor

A entrevista mais difícil, por assim dizer, de conseguir foi da minha tia Aparecida, pelo fato de ela morar em Fortaleza e eu no Crato. Ainda fiz algumas tentativas durante viagens que fiz a Fortaleza durante 2025, mas por terem sido viagens rápidas e com muitas programações, não conseguimos uma compatibilidade de horários. A solução foi pedir que ela gravasse sozinha seu depoimento, utilizando o Iphone. Enviei as perguntas e algumas orientações de enquadramento, que ela não seguiu, mas que decidi utilizar mesmo assim. De certa maneira, criou-se uma constante: dois entrevistados encarando a câmera e dois no enquadramento mais clássico de entrevistas.

Figura 13 - entrevista com Aparecida Silvino



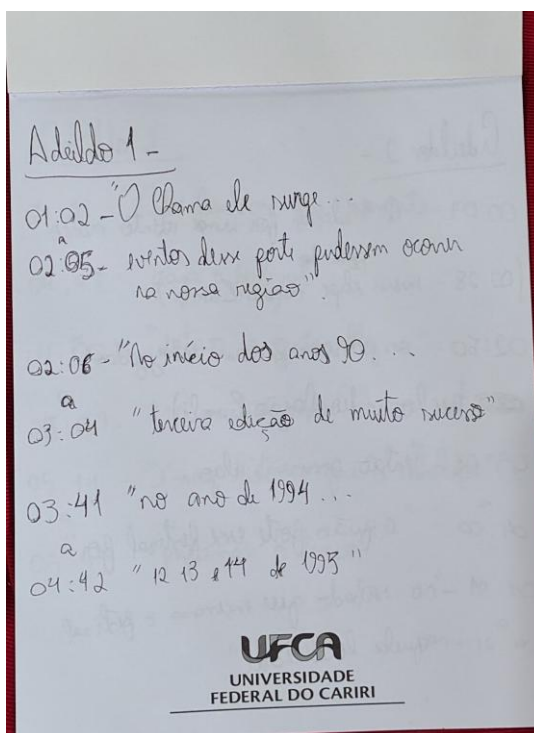
Fonte: acervo do autor

O processo de edição também foi “solo”. Por eu ter tido o problema de bloqueio

criativo e atrasado em alguns meses o processo, quando consegui finalizar as gravações e procurei o técnico de laboratório de telejornalismo do curso para me auxiliar na edição, ele não tinha mais agenda disponível para no prazo que eu precisava. Decidi então continuar no desafio autoimposto de trabalhar sozinho e editei no meu próprio notebook, utilizando os softwares Capcut e DaVinci Resolve.

Diferente do que eu previa, o processo foi tranquilo. Reassisti a todo o material para realizar a decupagem e montar o roteiro. Nesse processo, anotei a decupagem manualmente, mas acabei por não elaborar um documento de roteiro de edição. Fui montando tudo na própria cabeça e executando diretamente no software. Em quatro dias, tinha o primeiro corte do filme.

Figura 14 -decupagem de entrevista realizada manualmente



Fonte: acervo do autor

Um ponto importante de salientar é que eu não tenho tanta intimidade com câmeras e captação de imagens e som e nem com softwares de edição, então assumi os riscos de não ter um projeto com qualidade técnica impecável. Fiz o básico, que é o que eu poderia oferecer, e foquei no meu ponto forte, que é a decupagem e a roteirização. Entrelaçar as falas dos entrevistados e as imagens de arquivo de forma que elas criem uma narrativa coesa com começo, meio e fim, tentando ao máximo colocar todas as informações pretendidas, deixando o filme de fácil entendimento e mantendo um ritmo constante que não se torne cansativo para o espectador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que tive êxito na produção desse documentário, apesar dos percalços, a maioria impostos por mim mesmo. A ideia teimosa de produzir sozinho me travou, quase me fez desistir em certo momento, mas no final me fortaleceu. Pude pôr em prática e aprimorar os conhecimentos que tenho de edição e montagem, além de ganhar mais experiência na parte de decupagem e roteiro, que considero meu forte. Ao mesmo tempo, realizar essa empreitada praticamente sozinho me mostrou que sim, pedir (e aceitar) ajuda é necessário. Cinema e audiovisual é uma arte colaborativa, no fim das contas.

Me frustra um pouco não ter conseguido fazer o projeto da forma como pensei inicialmente, cobrindo todas as edições do Festival CHAMA, ou pelo menos cobrir mais profundamente somente a 4ª edição; havia muito mais a ser falado e explorado sobre ela. Mas também percebo que seria necessária uma estrutura maior de equipe, pesquisa e suporte financeiro. O documentário “A Era dos Festivais no Cariri”, da qual esse projeto deriva diretamente, foi possível pois tinha a verba proveniente do edital da Lei Paulo Gustavo e mesmo assim, ainda tivemos dificuldades na produção. Realizar um filme desses com zero orçamento era um desafio que não fui capaz de enfrentar. Mas as adaptações feitas acabaram por dar um caráter mais intimista e pessoal, reconstruindo o evento a partir das memórias de quem participou dele.

A pesquisa sobre esse assunto mostra que ainda há muito a ser explorado, relatado e registrado. Ele trata apenas da 4ª edição do CHAMA, e somente essa edição em si já daria um longa-metragem. Esse trabalho é apenas uma pequena homenagem para relembrar esse evento que marcou a história da cidade de Crato e uma porta deixada aberta para que novas produções possam ser feitas sobre ele.

REFERÊNCIAS

- A ERA dos Festivais no Cariri. Direção de Bárbara Silvino. Crato-CE, 2025. 1 vídeo (16 min).
- AGUIAR, Carolina Amaral de. “Cinema e história: documentário de arquivo como lugar de memória”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 235-250, 2011.
- ALVES, Osvaldo. Valeu o CHAMA. **Revista A Província**. Crato, p. 177, dez. 1995.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CRATO DE ONTEM. **IV CHAMA: Chapada Musical do Araripe – 1995**. Crato, 4 fevereiro 2018. Facebook: cratodeontem. Disponível em: <https://www.facebook.com/cratodeontem/posts/pfbid0NJa4hnLbK5t8Zg5mUXkeDCKadov7Stck3ExTYjoFdxUhhKHToVFrKcsuztR77BzTl>. Acesso em: 13 mar 2026.
- CRATO revive com êxito seu festival CHAMA. **Revista A Província**. Crato. Caderno especial. dez. 1994.
- MARQUES, Roberto. Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino em tempos velozes. **Trajeto** - Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 201-216, 2005.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- OLIVEIRA, Francisco Moisés Rolim de. Luis Carlos Saraiva se reúne com Rafael Branco e pede apoio para retorno de festival musical na Chapada do Araripe. **Crajobar News**, 2024. Disponível em: <https://crajobarnews.com.br/noticia/4848/luiz-carlos-saraiva-se-reune-com-rafael-branco-e-pede-apoio-para-retorno-de-festival-musical-na-chapada-do-araripe>. Acesso em: 12 mar 2026.
- SILVINO, Bárbara Brito. **A importância dos festivais de música popular para a formação musical de Abidoral Jamaru**. 2017. 44f. TCC (Graduação) - Universidade Federal do Cariri, Instituto interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Curso de Licenciatura em Música, Juazeiro do Norte, 2017.
- SUCESSO do 4º Chama. **Revista A Província**. Crato, p. 156, dez. 1995.
- XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs). **História, Memória e Educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos**. Fortaleza: Ed. UECE, 2018.

APÊNDICE A – PROPOSTA

O “CHAMA - Chapada Musical do Araripe”, foi um festival de música que aconteceu na década de 1990 na cidade de Crato-CE. Foi o último grande festival do tipo que ocorreu na região do Cariri, desde os festivais dos anos 1970. Sua 4ª e última edição, ocorrida em outubro de 1995, permanece na memória da população pelo seu escopo, tendo sido realizada praticamente dentro da Floresta Nacional do Araripe, no espaço em que funcionou o antigo aeroporto do Crato. Nomes como Cássia Eller, Chico Science e Nação Zumbi, Hermeto Paschoal e Fagner se apresentaram durante as 3 noites do evento, que também contou com apresentações competitivas, na qual participaram artistas de todo o estado e de outras regiões. A ideia do documentário é fazer um registro de relatos de pessoas que estiveram presentes nesse evento, contando suas experiências como público, participantes da competição e parte da equipe técnica. Um recorte mais pautado nas memórias dessas pessoas, com o uso de material de arquivo como vídeos e fotografias.

APÊNDICE B – ESCOLHA DO TÍTULO

De início pensei em intitular o filme como “Os Festivais no Cariri – O 4º CHAMA”, fazendo alusão ao filme do qual ele deriva (A Era dos Festivais no Cariri); no entanto preferi deixá-lo mais independente, então pensei em uma maneira de apresentar ao máximo as informações das quais se trata o filme: o festival de música (CHAMA), a edição (4ª), e o mote (as lembranças).

APÊNDICE C – SINOPSE

Em outubro de 1995, no coração da Chapada do Araripe, ocorreu um evento que ficou marcado na memória da população do Crato. No clima ameno da floresta, um festival de música celebrou a diversidade cultural e musical da região. Através dos relatos de pessoas que viveram o CHAMA, essa história é registrada e recontada.

APÊNDICE D – FICHA TÉCNICA

Direção e Roteiro: Pablo Silvino

Produção: Pablo Silvino e Cíbele Moraes

Captação de imagem e som: Pablo Silvino

Montagem: Pablo Silvino

Pesquisa: Pablo Silvino e Bárbara Silvino

Entrevistas: Pablo Silvino

Entrevistados: Abiana Campos, Adeildo de Souza, Aparecida Silvino, Francisco Silvino.

Orientador: Rodrigo Capistrano

Imagens de arquivo: Adeildo de Souza; Museu de Arte Kariri (Laerto Xenofonte); Acervo Memória Histórica do Crato; Daniel Lucena.

Agradecimentos: Luiza Silvino; Augusta Brito; Yan Tavares; Thiago Mendonça; Ana Cleide Moraes; Laerto Xenofonte; Tiago Coutinho.

APÊNDICE E – EQUIPAMENTOS E SOFTWARES UTILIZADOS

Câmera EOS Canon Rebel SL3

Câmera Canon EOS Rebel T3

Microfone lapela Hollyland

Microfone lapela “Wireless Lavalier Microphone”

Tripé para câmera

Software de edição: DaVinci Resolve; Capcut

APÊNDICE F – ROTEIRO DE PERGUNTAS

Perguntas para Adeildo de Souza

- Antes de falar sobre a 4ª edição, você poderia fazer uma contextualização do que foi o Festival Chama, quando foi criado, como era o formato, onde aconteciam, as primeiras edições?
- Sobre a 4ª edição, como e onde ela aconteceu, quais as atrações, quantos dias, o impacto para a história dos festivais do Cariri?
- Algumas pessoas consideram essa edição do Chama como o “Woodstock brasileiro”, qual sua visão sobre isso?
- O IV Chama foi praticamente o último grande festival de música do Crato e do Cariri no geral. Aconteceram outros festivais ao longo dos anos, mas nenhum teve novamente o impacto do Chama. A seu ver, o que levou a essa desvalorização?
- a questão do impacto ambiental gerado pela realização do festival praticamente dentro da floresta.

Perguntas para Abiana Campos, Aparecida Silvino e Francisco Silvino

- Conte como foi sua experiência no CHAMA: como participou, o que aconteceu, quais os sentimentos e sensações vividos.

APÊNDICE G – ROTEIRO DE EDIÇÃO

CENA	TEMPO	VÍDEO	ÁUDIO
01	0'' a 37''	- tela preta - letreiro “Crato-CE, outubro de 1995 - cenas da floresta, homens trabalhando	- som do arquivo
02	38'' a 2'05''	- depoimento prefeito - imagens do festival - letreiro do título do filme	-som do arquivo - música “Volta” (Francisco Silvino)
03	2'06'' a 4'42''	- fala de Adeildo sobre os festivais dos anos 1970 - fotografias dos festivais dos anos 1970 - fala de Adeildo sobre a criação e primeiras edições do CHAMA - fotografias do CHAMA - vídeo do 3º CHAMA	- som direto Adeildo - off de Adeildo - música do vídeo de arquivo
04	4'43'' a 6'13''	- fala de Adeildo sobre o 4º CHAMA - fotos do aeroporto do Crato - cartaz e panfletos de divulgação do evento - vídeos da estrutura do palco	- som direto de Adeildo
05	6'14'' a 9'55''	- apresentações musicais do CHAMA	- som dos arquivos - off de Adeildo
06	9'56'' a 12'33''	- depoimento Francisco Silvino - depoimento Aparecida Silvino - vídeo do 3º CHAMA - vídeo apresentação do Boca Livre	- som direto de Silvino - Som direto de Aparecida - som do arquivo (música Boca Livre)
07	12'34'' a 13'49''	- fala de Adeildo sobre show do Chico Science - vídeo do show de Chico Science	- som direto de Adeildo - som do arquivo (Chico Science)
08	13'50'' a 14'48''	- Adeildo fala sobre acampamentos e atividades do CHAMA - imagens de arquivo das atividades	- som direto de Adeildo

09	14'49" a 16'02"	- depoimento de Abiana - trecho de vídeo de Abiana no evento	- som direto de Abiana
10	16'03" a 19'15"	- Silvino fala da experiência no CHAMA - Adeildo fala da importância do CHAMA - fala de Abiana - fala de Aparecida	- som direto de Silvino - som direto de Adeildo - som direto de Aparecida - som direto de Abiana
11	19'17" a 20'01"	- fala final de Adeildo	- som direto de Adeildo
12	20'02" a 21"	- créditos finais - vídeo Aparecida cantando	- música "Volta"

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica
Juazeiro do Norte, 24 de abril de 2026.